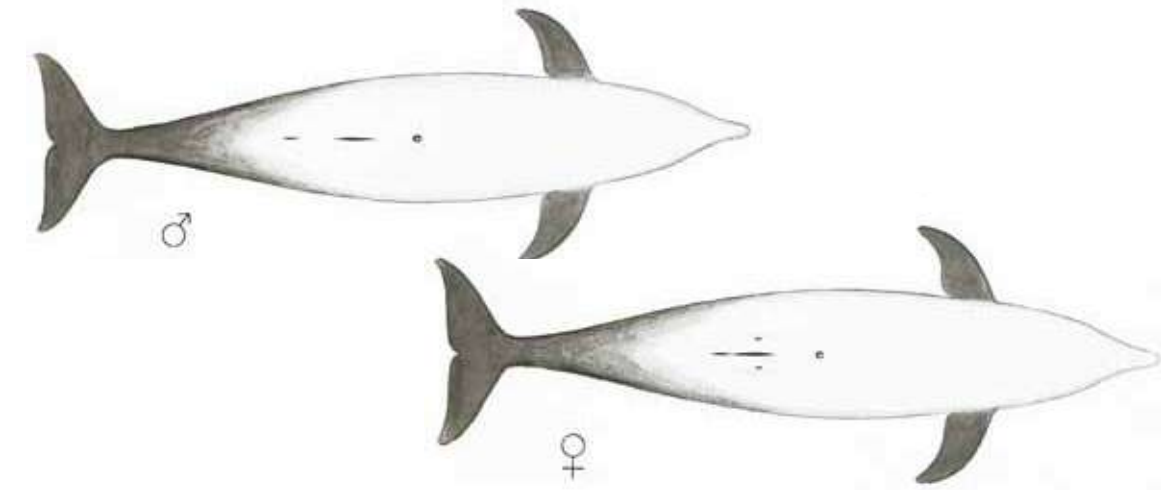
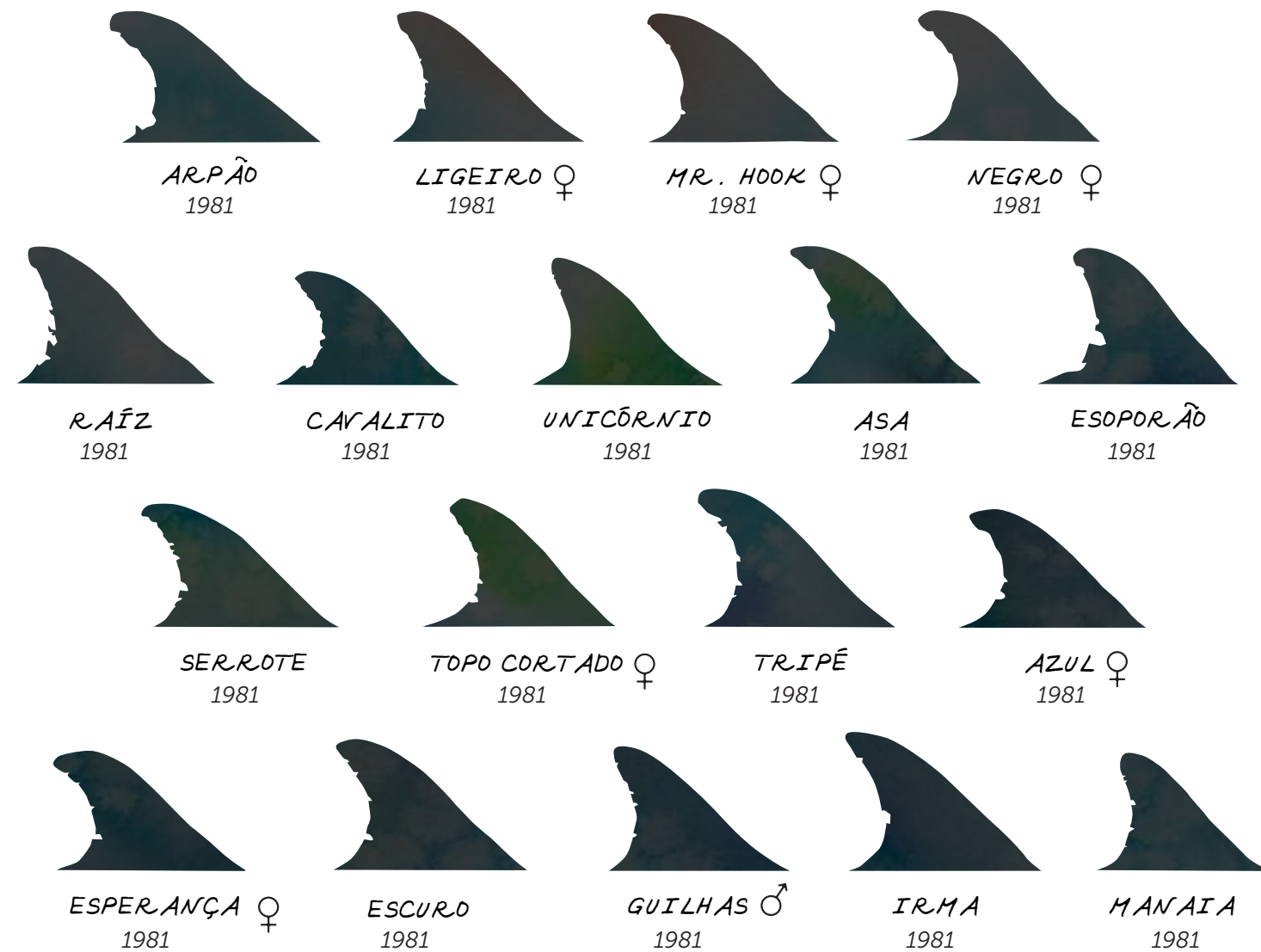


Histórias dos Roazes do Sado

Raquel Gaspar e Marcos Oliveira



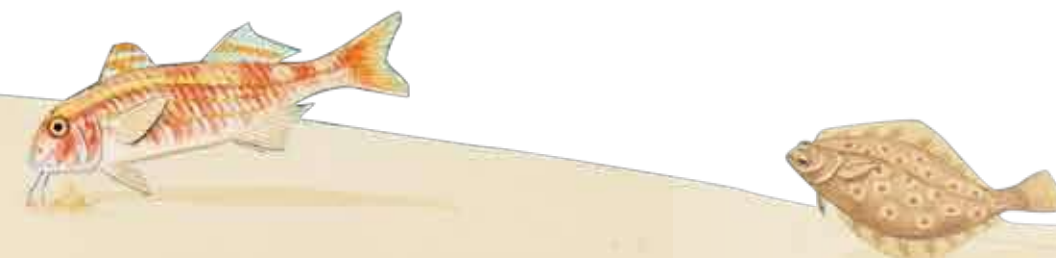
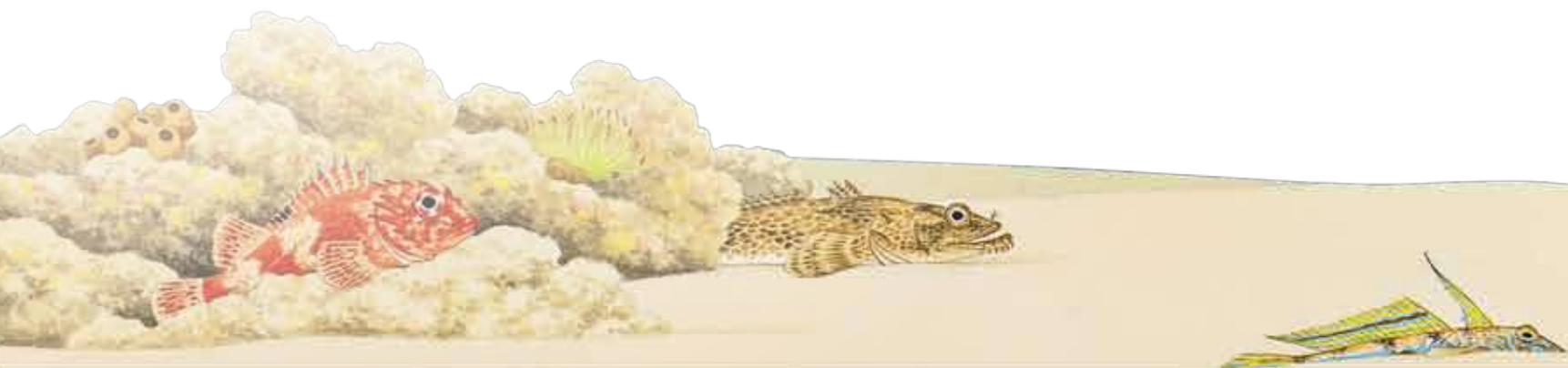
BARBATANAS DORSAIS



Todos os golfinhos têm uma barbatana dorsal distinta que nos permite identificá-los um a um. Repara nas diferenças da sua forma e na presença ou não de cortes na barbatana. Para além destas características, a tonalidade da pele, mais escura ou mais clara e, as marcas resultantes de arranhões ou feridas, mesmo que durem apenas alguns meses ou anos, funcionam como uma impressão digital única. Por isso, todos os roazes do Sado têm um nome. Aqui representámos apenas os perfis das barbatanas dos adultos, pois a dos juvenis e das crias, como estão a crescer, podem mudar muitas vezes.

Reparaste com certeza que há fêmeas que têm nomes esquisitos, mas isso resulta de nem sempre se conhecer o sexo no momento em que se atribui o nome. Damos o nome aos golfinhos quando nascem ou quando os vemos pela primeira vez, às vezes já grandes. Sabemos que as fêmeas acompanham as suas crias. Esta é a forma mais fácil de as identificar. Também sabemos que os machos adultos são mais robustos e que a distância entre as fendas genital e anal, localizadas no ventre, é maior nos machos, mas isso, raramente se vê.

Vês aqui representados os perfis das barbatanas dorsais dos adultos que faziam parte da população residente dos roazes do Sado no ano de 2011.



Histórias dos Roazes do Sado

Autor: Raquel Gaspar

Ilustração: Marcos Oliveira com a participação de Raquel Gaspar

Esta obra é dedicada à melhoria das condições de vida dos Roazes do Sado e aos meus 3 piscoretos: Titis Fifila, Jona Tatanona e Guelli acelerador de disparatis. R.G.

No estuário do Sado e no mar que o envolve, a costa de Tróia e a da Arrábida, vive uma população de golfinhos da espécie *Tursiops truncatus*, cujo nome comum é roaz. Os roazes do Sado, assim lhe chamamos, não são os únicos golfinhos existentes em Portugal. Ao longo de toda a nossa costa continental, existem outros grupos desta espécie, alguns dos quais até convivem com os roazes do Sado. E também existem outras 4 espécies de golfinhos, o golfinho-comun, o golfinho-riscado, o golfinho-sarapintado e o grampo.

Esta população do Sado é especial porque é uma das poucas populações residentes conhecidas no mundo, e porque geração após geração, o grupo tem resistido, ainda que tremidamente, à transformação do seu habitat. O que hoje resta dela, não chega a trinta golfinhos. É uma população muito pequena e extremamente frágil. Mas também preocupante é o facto de estar envelhecida. Pois, durante os anos 80 e 90, principalmente, a grande maioria dos jovens não chegou a reproduzir-se, ou porque morriam ou, talvez, porque se juntaram a outros grupos de roazes. Em resultado disto, a maior parte dos adultos da população actual estão velhos e irão morrer nos próximos anos, encontrando-se a população em declínio.

Pensarão com certeza na poluição como sendo a causa deste problema, uma vez que os golfinhos são predadores de topo, acumulam os poluentes ao longo da vida e, as mães passam-nos para as crias. E, se as crias morrerem, a capacidade de reprodução das fêmeas é lenta. Mas não menos nefasta, é a destruição e exploração não sustentável dos habitats e das espécies marinhas, o sustento dos roazes do Sado, animais de muito alimento, pois são grandes e vivem durante muitos anos (40 a 50 anos!).

Compreenderão então porque é que o roaz é uma espécie protegida, e também porque é que a área onde vive esta população, a Reserva Natural do Estuário do Sado e o Parque Marinho da Arrábida, está incluída na rede Natura 2000, uma rede de sítios com importância para a conservação da natureza, na Europa.

Foi pois no âmbito do Plano de Acção para a Salvaguarda e Monitorização da População dos Roazes do Sado, que realizamos este livro para lhe dar a conhecer os roazes do Sado, cujo futuro dependerá da melhoria das condições de vida dos jovens roazes. Um deles é o Tongas, que conhecerão já a seguir.



Anda, quero mostrar-te a minha casa,
a minha família e contar-te histórias
sobre nós, os roazes do Sado.

Na minha casa e nas suas
margens vivem muitos
outros seres vivos.



Plantas

- 1 MEDRONHEIRO
- 2 FOLHADO
- 3 CARRASCO
- 4 SOBREIRO
- 5 GRAMATA-BRANCA
- 6 *Arthrocnemum macrostachyum*
- 7 SABINA-DA-PRAIA
- 8 ROSMANINHO-MAIOR
- 9 *Linaria bipunctata*
- 10 CRAVO-DAS-AREIAS
- 11 BUGLOSSA-CALCÁREA
- 12 *Tuberaria guttata*

Aves

- 13 SILENE
- 14 MORGANHEIRA-DAS-PRAIAS
- 15 PINHEIRO-MANSO
- 16 ÁGUIA-PERDIGUEIRA
- 17 GAIVOTA-D'ASA-ESCURA
- 18 ALCATRAZ
- 19 CORVO-MARINHO
- 20 FLAMINGO
- 21 GAIVINA
- 22 ALFAIATE

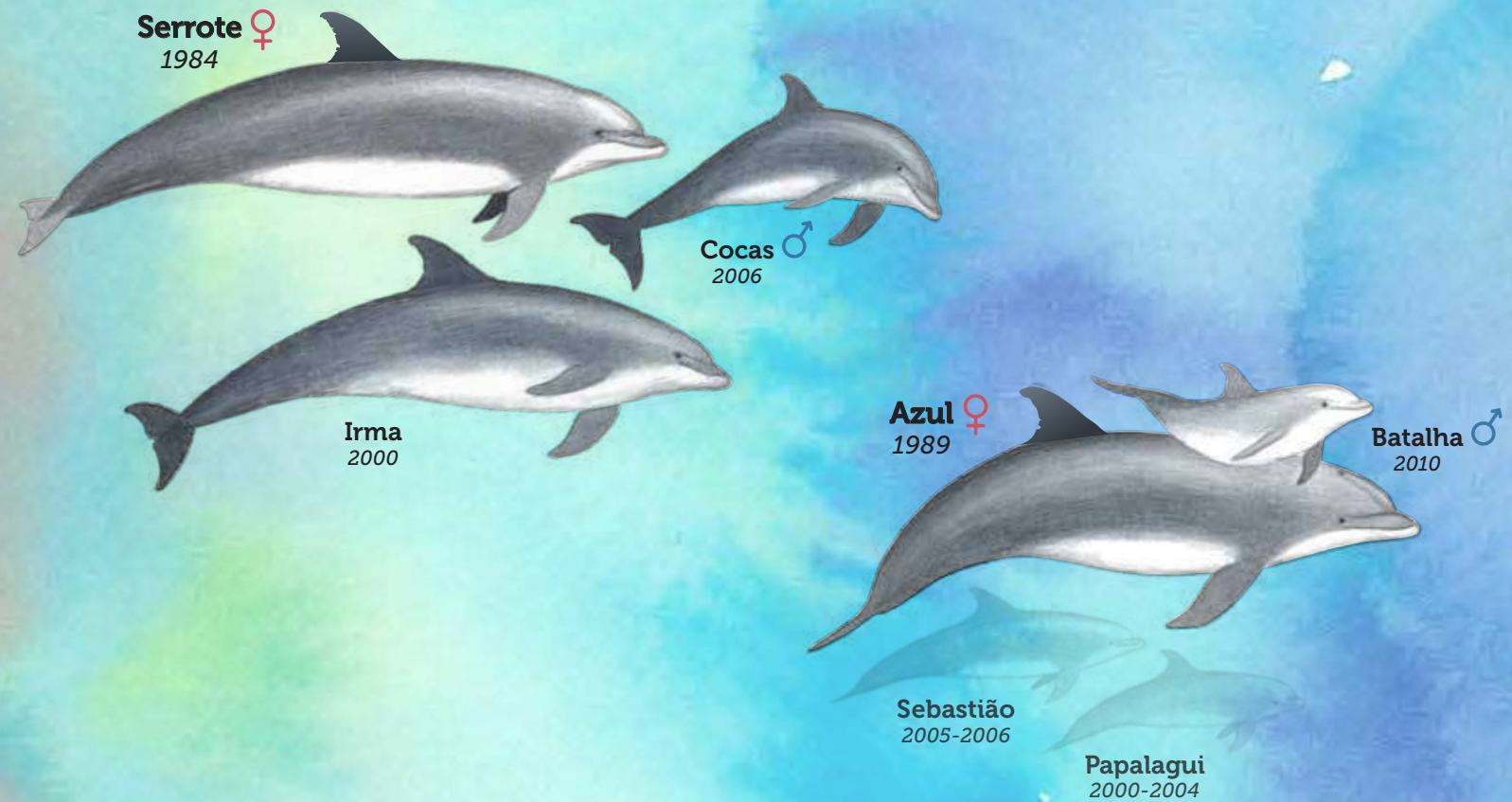
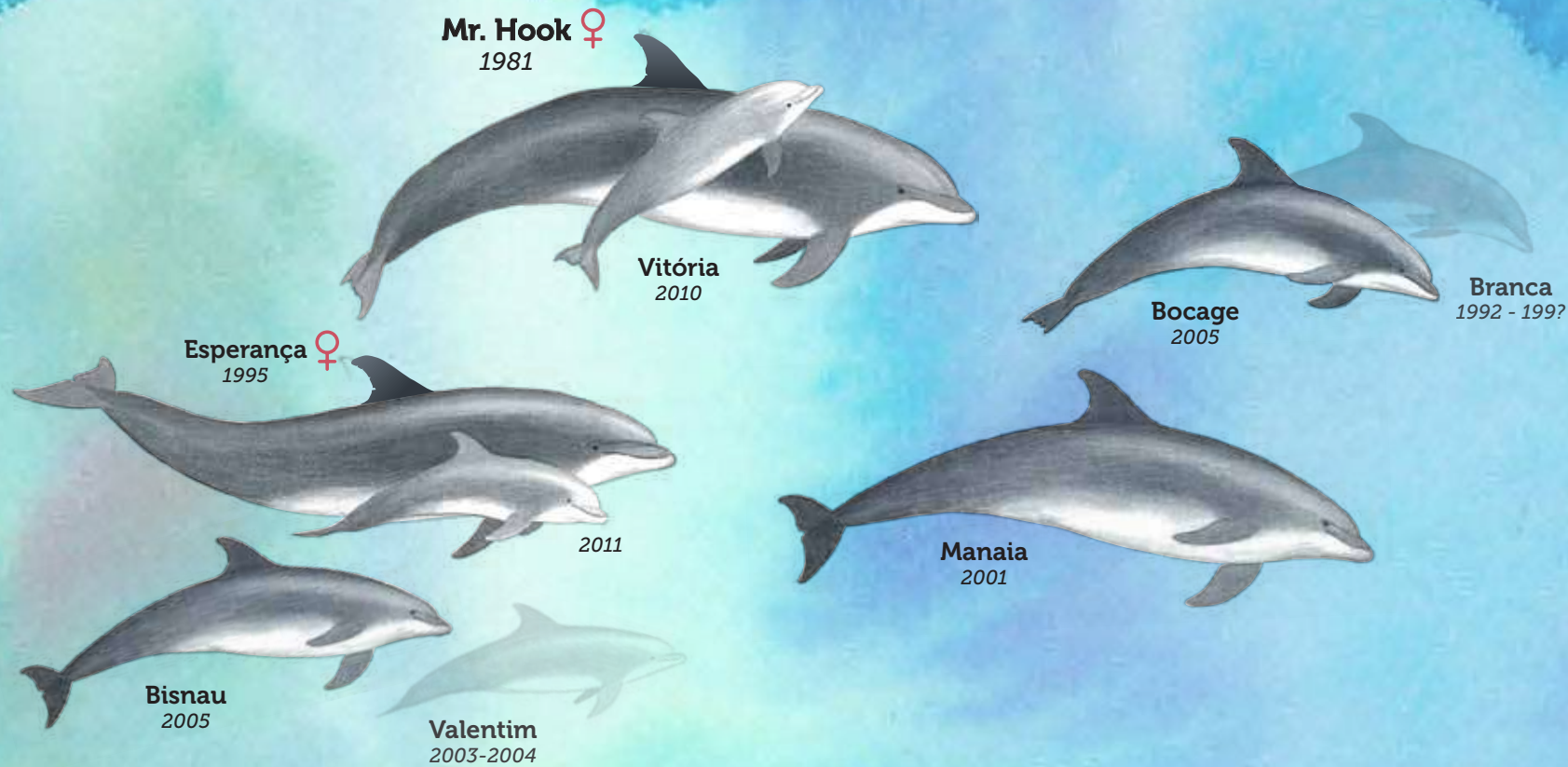
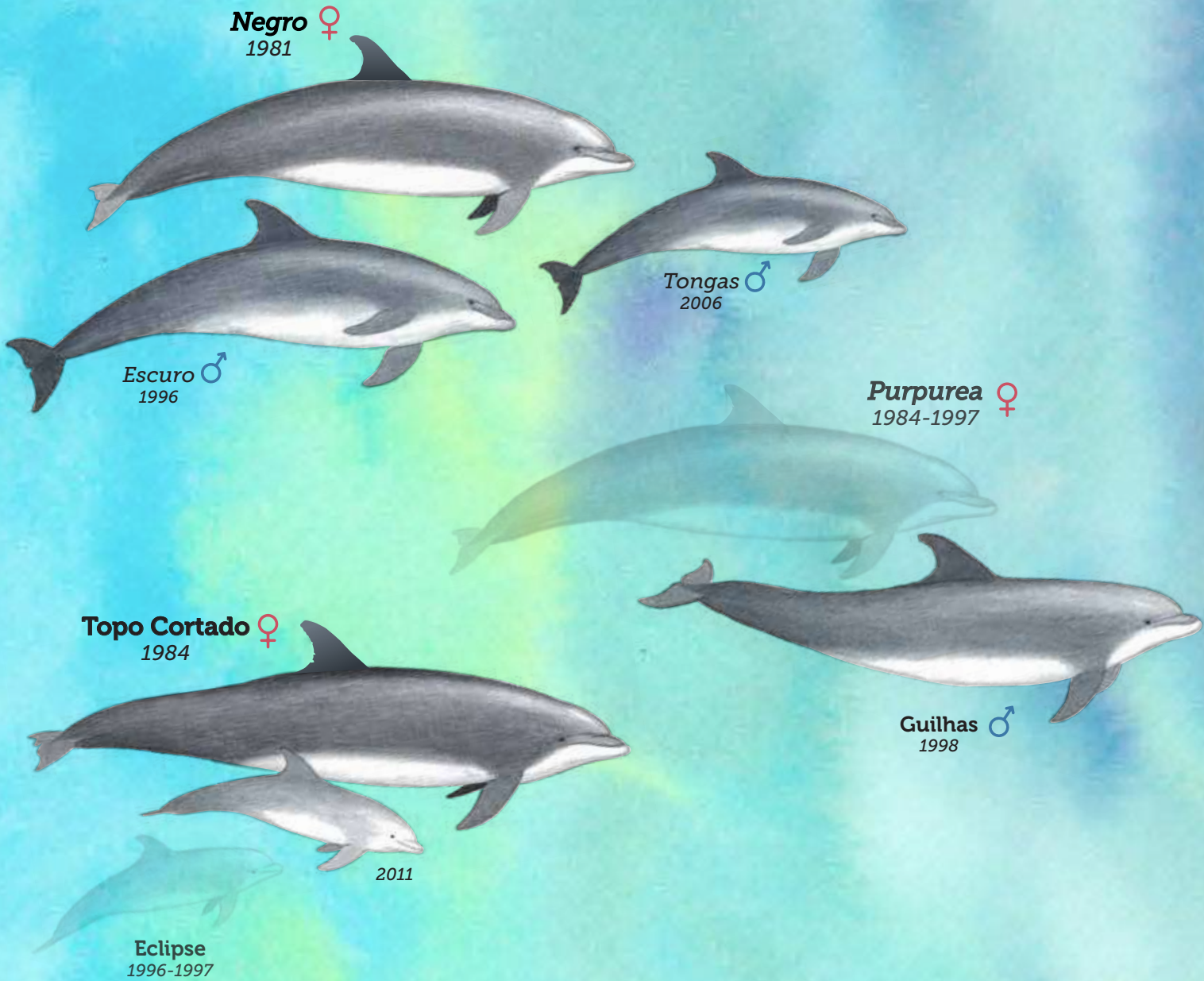
Mamíferos

- 23 MILHERANGO
- 24 TARAMBOLA-CINZENTA
- 25 CEGONHA-BRANCA
- 26 ROAZ
- 27 ROAZ COSTEIRO
- 28 GOLFINHO-COMUM
- 29 LONTRA
- 30 MORCEGO-HORTELÃO
- 31 GENETA
- 32 GATO-BRAVO



Nesta fotografia de família, vês as mães e os seus filhotes que são, como eu, os animais mais jovens da nossa população.

Sabes onde estou?

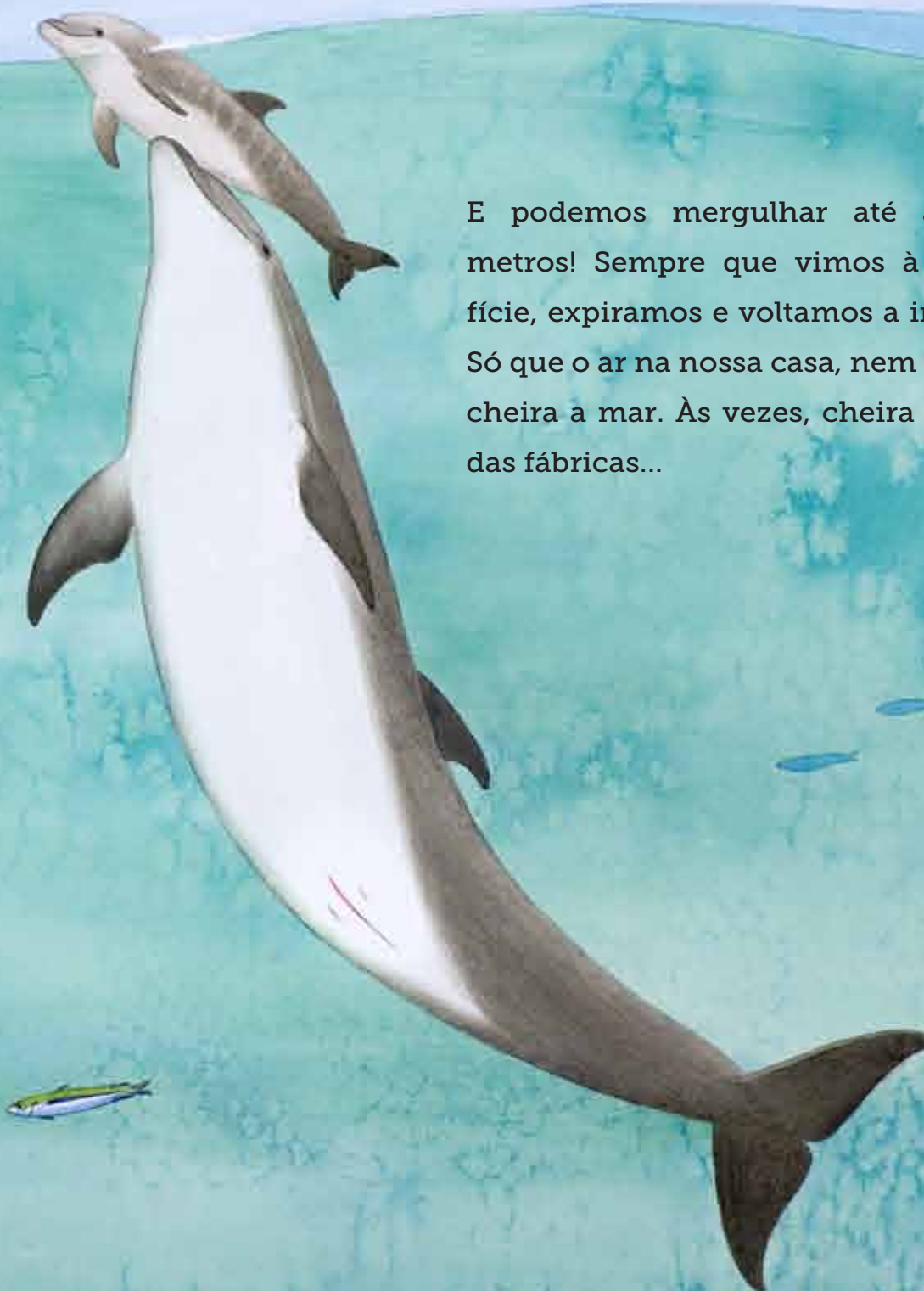


Nascer Golfinho

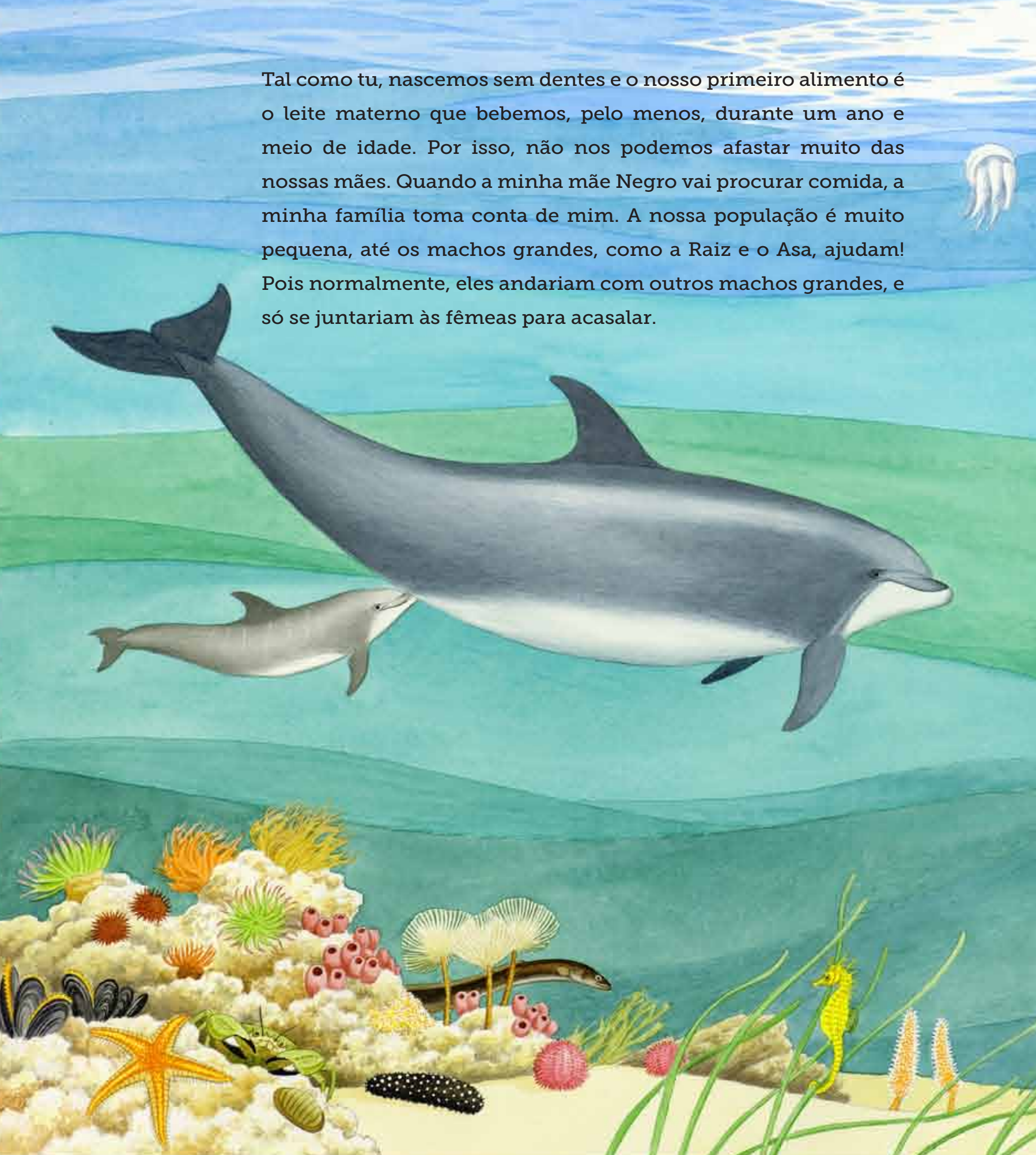
Nós, os golfinhos, passamos toda a vida dentro de água. Tu também viveste na “água”, dentro da barriga da tua mãe. Mas assim que nascemos, começamos logo a nadar. Pois, apesar sermos animais marinhos, não respiramos como os peixes, temos pulmões, e por isso, nadamos até à superfície para respirar. Sabes como fazemos? Fazemos apnea, que é o que tu fazes quando mergulhas debaixo de água, de óculos e tubo, para veres o fundo do mar. Aguentamos sem respirar durante muito tempo, quase dez minutos...



E podemos mergulhar até aos 30 metros! Sempre que vimos à superfície, expiramos e voltamos a inspirar. Só que o ar na nossa casa, nem sempre cheira a mar. Às vezes, cheira a fumo das fábricas...

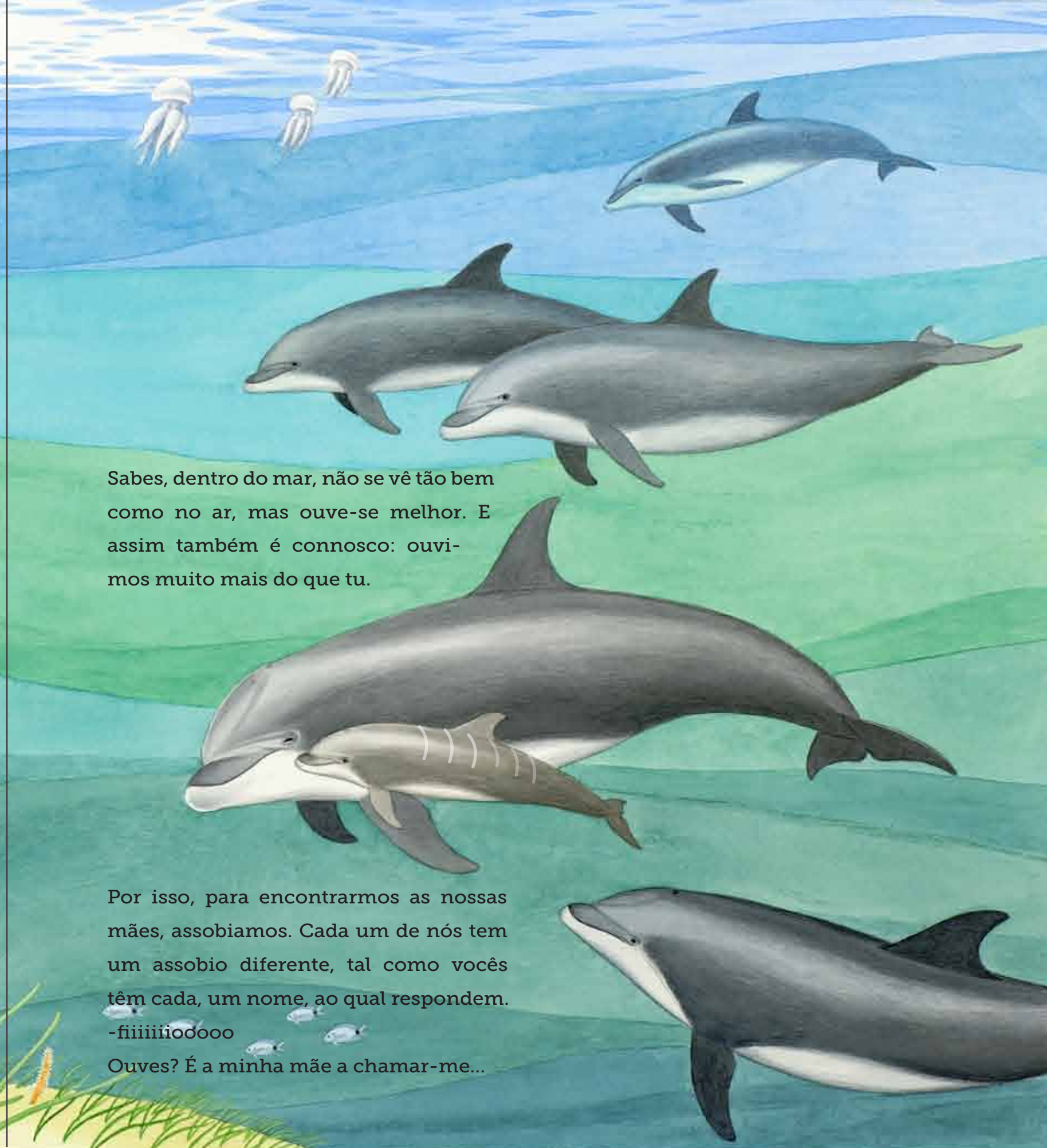


Tal como tu, nascemos sem dentes e o nosso primeiro alimento é o leite materno que bebemos, pelo menos, durante um ano e meio de idade. Por isso, não nos podemos afastar muito das nossas mães. Quando a minha mãe Negro vai procurar comida, a minha família toma conta de mim. A nossa população é muito pequena, até os machos grandes, como a Raiz e o Asa, ajudam! Pois normalmente, eles andariam com outros machos grandes, e só se juntariam às fêmeas para acasalar.

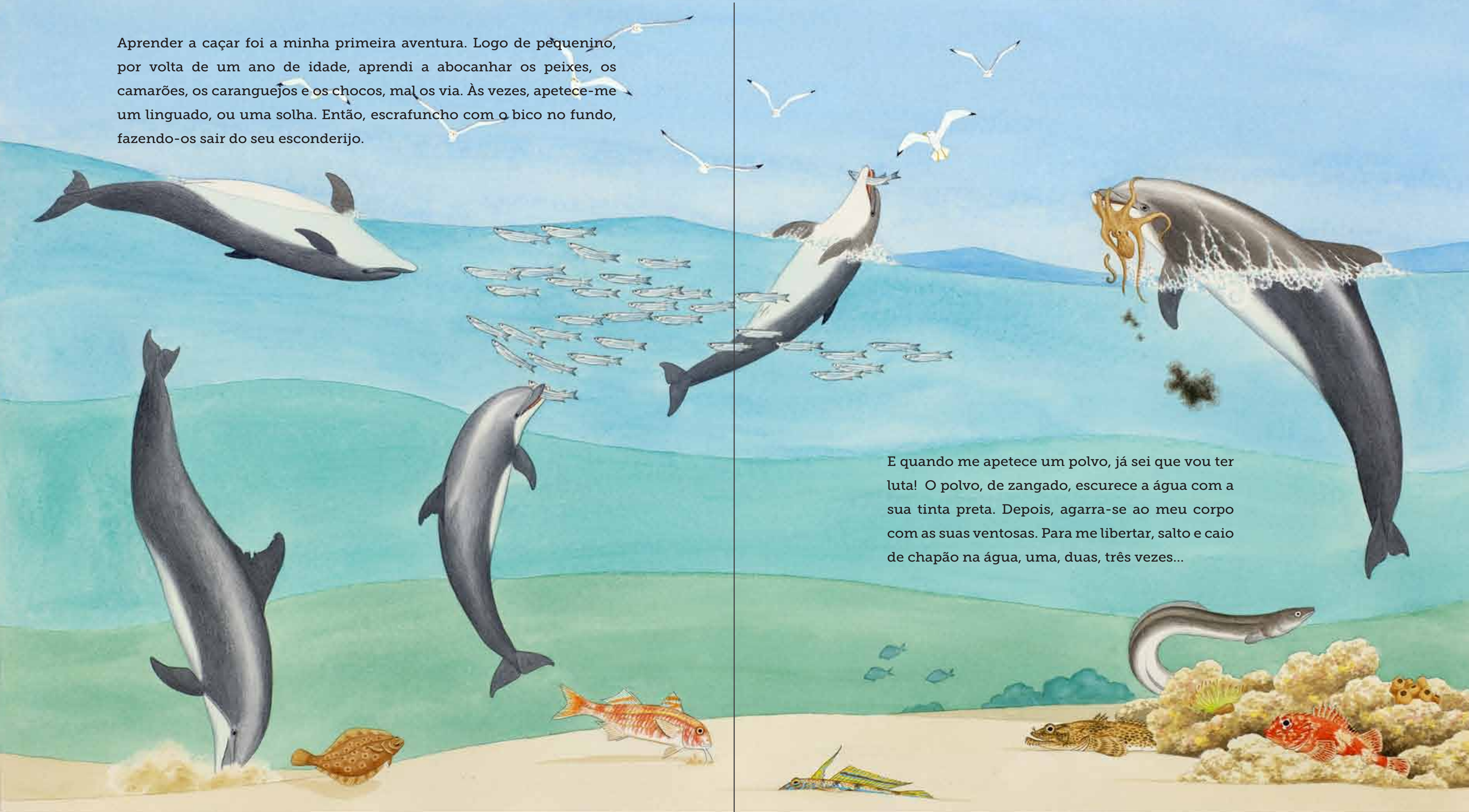


Sabes, dentro do mar, não se vê tão bem como no ar, mas ouve-se melhor. E assim também é connosco: ouvimos muito mais do que tu.

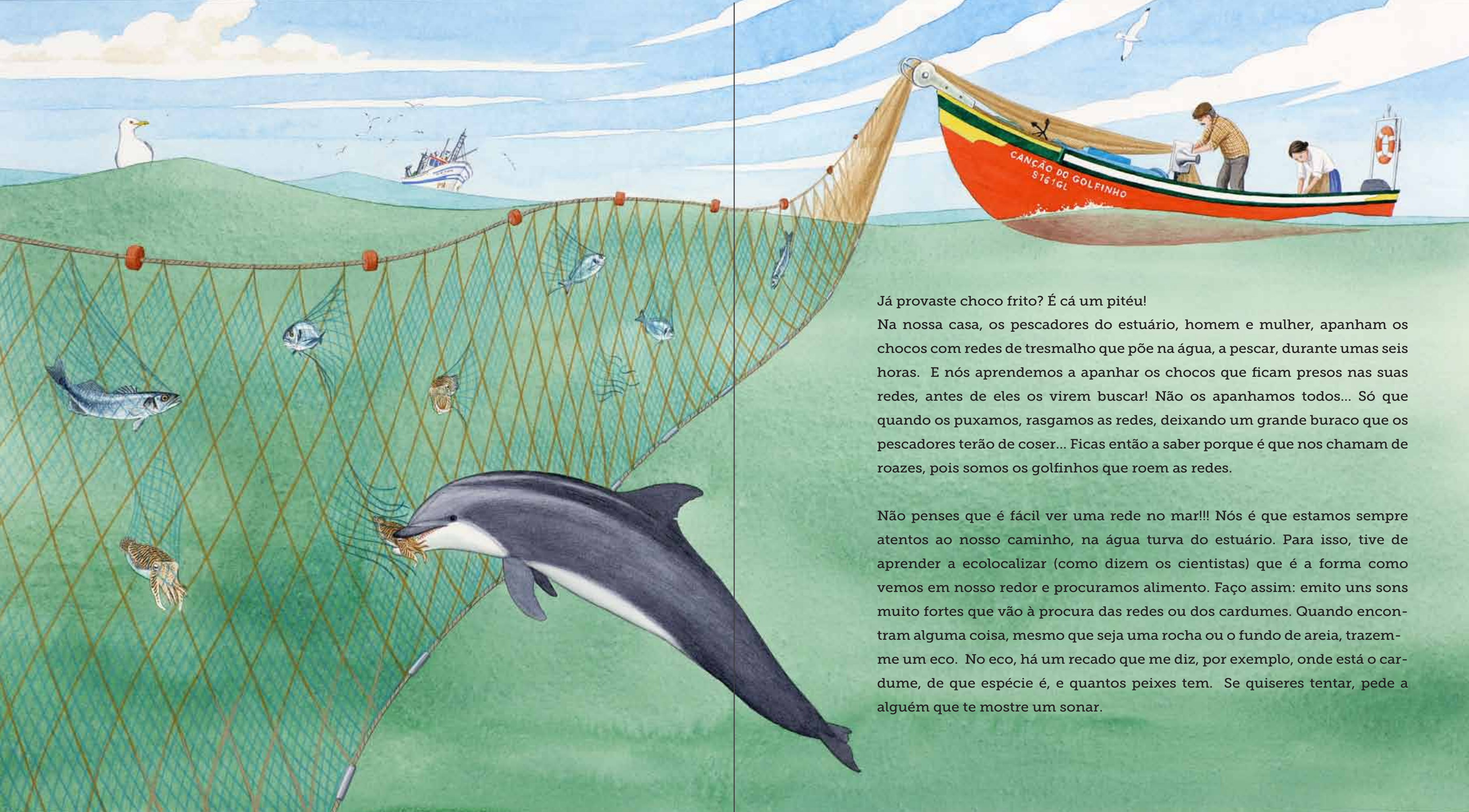
Por isso, para encontrarmos as nossas mães, assobiamos. Cada um de nós tem um assobio diferente, tal como vocês têm cada, um nome, ao qual respondem.
-fiiiiiiooooo
Ouves? É a minha mãe a chamar-me...



Aprender a caçar foi a minha primeira aventura. Logo de pequenino, por volta de um ano de idade, aprendi a abocanhar os peixes, os camarões, os caranguejos e os chocos, mal os via. Às vezes, apetece-me um linguado, ou uma solha. Então, escafuncho com o bico no fundo, fazendo-os sair do seu esconderijo.



E quando me apetece um polvo, já sei que vou ter luta! O polvo, de zangado, escurece a água com a sua tinta preta. Depois, agarra-se ao meu corpo com as suas ventosas. Para me libertar, salto e caio de chapão na água, uma, duas, três vezes...



Já provaste choco frito? É cá um pitéu!

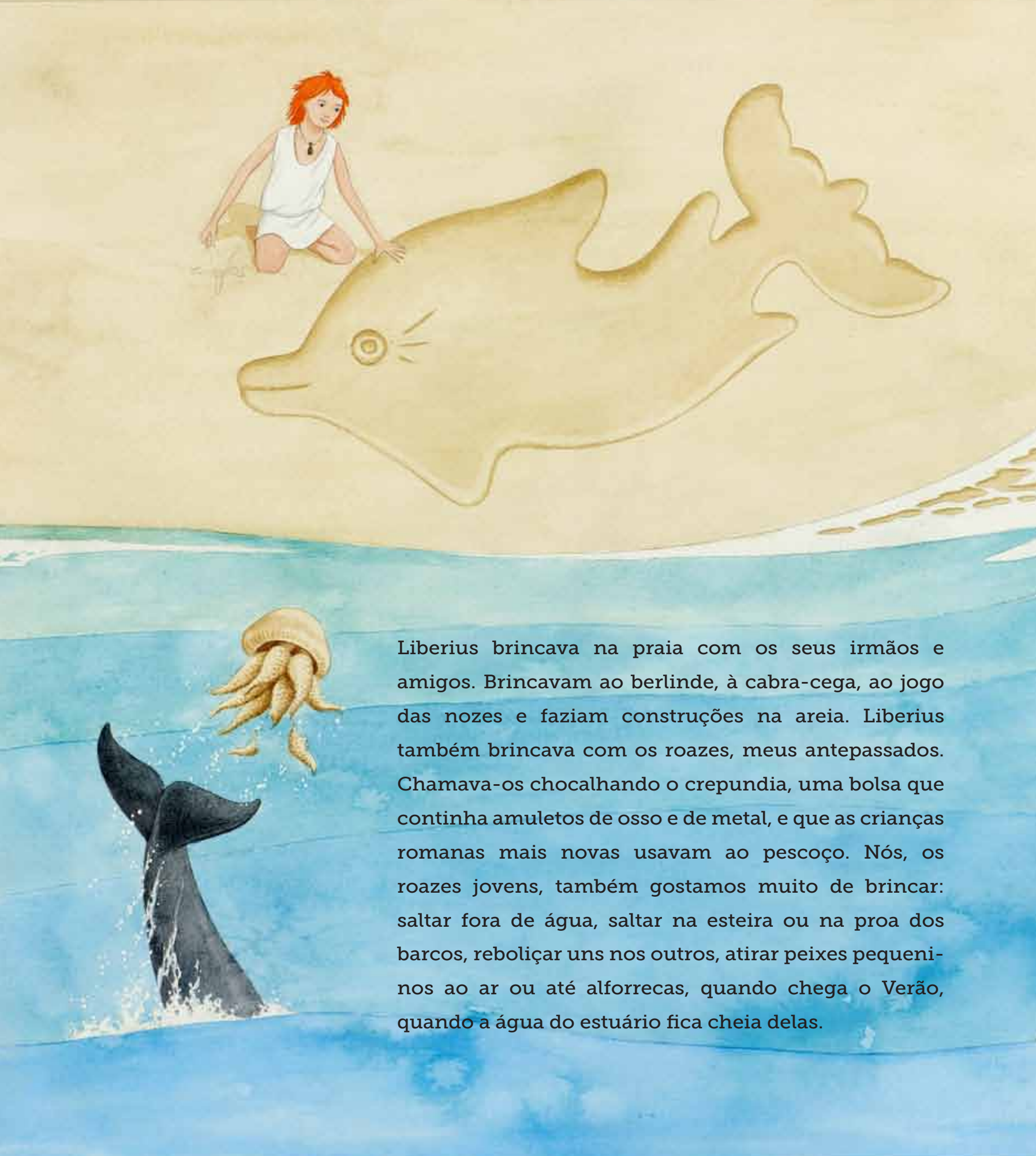
Na nossa casa, os pescadores do estuário, homem e mulher, apanham os chocos com redes de tresmalho que põe na água, a pescar, durante umas seis horas. E nós aprendemos a apanhar os chocos que ficam presos nas suas redes, antes de eles os virem buscar! Não os apanhamos todos... Só que quando os puxamos, rasgamos as redes, deixando um grande buraco que os pescadores terão de coser... Ficas então a saber porque é que nos chamam de roazes, pois somos os golfinhos que roem as redes.

Não penses que é fácil ver uma rede no mar!!! Nós é que estamos sempre atentos ao nosso caminho, na água turva do estuário. Para isso, tive de aprender a ecolocalizar (como dizem os cientistas) que é a forma como vemos em nosso redor e procuramos alimento. Faço assim: emito uns sons muito fortes que vão à procura das redes ou dos cardumes. Quando encontram alguma coisa, mesmo que seja uma rocha ou o fundo de areia, trazem-me um eco. No eco, há um recado que me diz, por exemplo, onde está o cardume, de que espécie é, e quantos peixes tem. Se quiseres tentar, pede a alguém que te mostre um sonar.

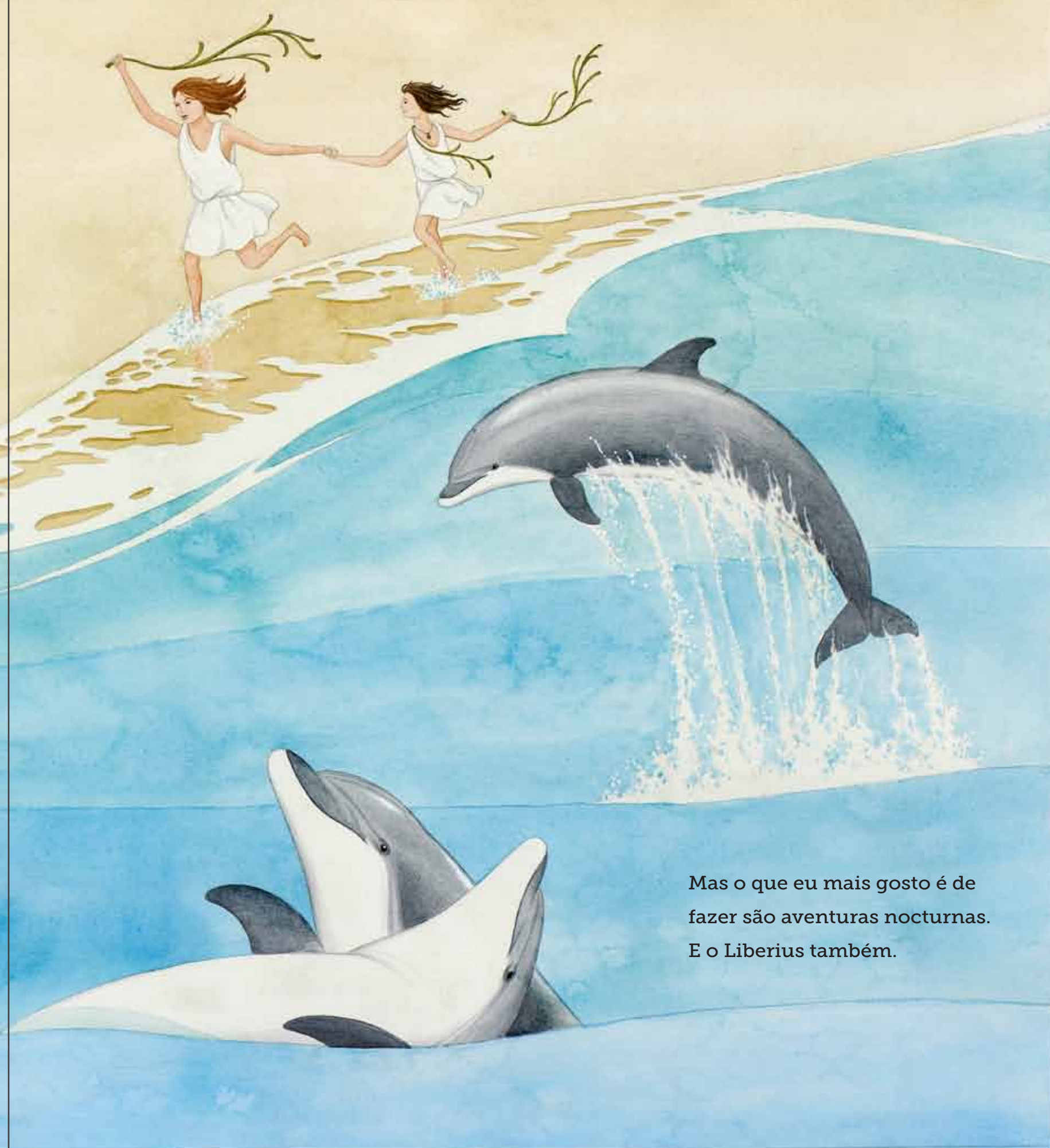
Liberius e...

Há muito tempo atrás, viveu aqui um menino chamado Liberius, que mergulhava com os golfinhos. Liberius era escravo do senhor de Acala, um povoado romano que ficava numa ilha de areia, mesmo na entrada do estuário, onde hoje é Tróia. As pessoas que ali viviam produziam deliciosas conservas, salgas e molhos de peixe, assim como são as sardinhas em lata e os molhos dos tempos modernos. Usavam o sal das salinas e outros condimentos para temperar os peixes que pescavam na nossa casa. Depois, embalavam-nos em ânforas de barro para vender por todo o império romano.





Liberius brincava na praia com os seus irmãos e amigos. Brincavam ao berlinde, à cabra-cega, ao jogo das nozes e faziam construções na areia. Liberius também brincava com os roazes, meus antepassados. Chamava-os chocalhando o crepundia, uma bolsa que continha amuletos de osso e de metal, e que as crianças romanas mais novas usavam ao pescoço. Nós, os roazes jovens, também gostamos muito de brincar: saltar fora de água, saltar na esteira ou na proa dos barcos, reboliçar uns nos outros, atirar peixes pequeninos ao ar ou até alforrecas, quando chega o Verão, quando a água do estuário fica cheia delas.



Mas o que eu mais gosto é de fazer são aventuras nocturnas. E o Liberius também.



Liberius sabia que nós vemos no escuro sempre que ligamos o sonar. E por isso, mergulhava de noite com os golfinhos para ver os animais bioluminescentes, que são aqueles que emitem luz.



As noctilucas flutuam na água e quando passamos por elas a nadar, lançam centelhas estreladas, que riscam o nosso rasto com brilho. As cenouras-do-mar, crescem em campos no fundo do estuário. De dia, são cor-de-laranja, mas de noite, se algo lhes toca, acendem um brilho amarelo esverdeado. E há anêmonas verde florescente e cor-de-rosa, vermelho ou laranja, que cobrem as rochas, como mantos de pedras preciosas, a cintilar no escuro.

De noite, há animais que dormem, outros, nem por isso. Há peixes, como o bodião, que dormem sonolentos, encostados ao abrigo das rochas. Os polvos, matreiros, que vêem muito bem, caçam caranguejos e peixes que ficam ofuscados pela noite. De volta a casa, Liberius procurava o seu caminho através das estrelas. Contava cinco partes iguais à guarda da ursa maior, para a direita, para chegar à estrela polar, que lhe indicava o Norte. Depois, virava-se de costas, para ficar voltado para Sul, onde ao longe, via iluminado o aconchego da sua casa.



A lenda do golfinho voador

Já desde o tempo do Libérius, nadava por aqui uma lenda, que dizia que um dia, um de nós, haveria de voar. E acreditem ou não, isso aconteceu!

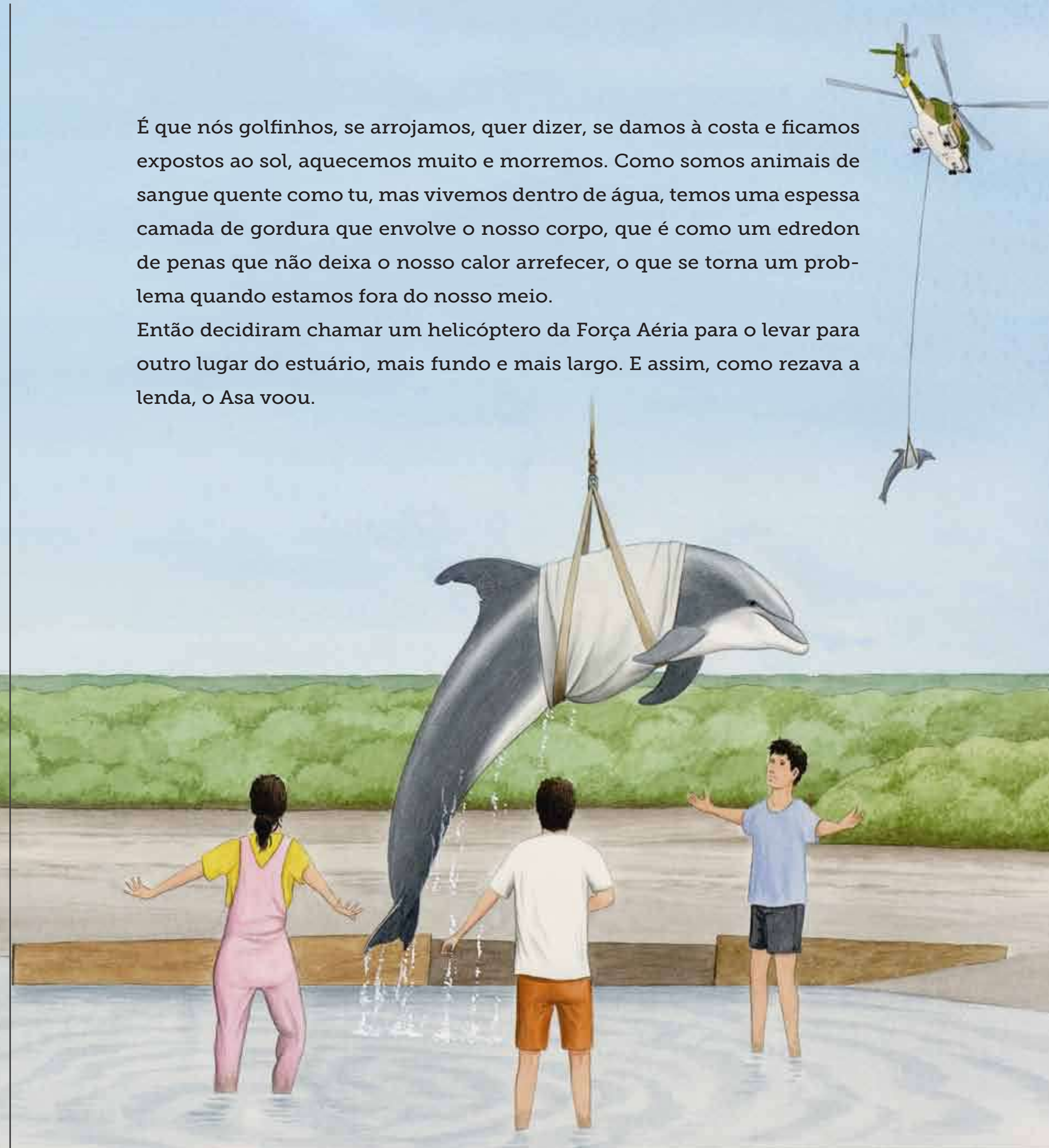
Há uns quarenta anos atrás, nasceu aqui um roaz, a quem chamaram de Asa. Asa é um macho imponente, valente e muito sábio, pois é um dos roazes mais velhos da nossa família. É ele quem nos protege e acompanha, nas nossas aventuras de jovens exploradores, pois ele conhece o estuário, mesmo de olhos fechados. Certo dia, na Primavera, o Asa ficou a seco no lodo, nos canais estreitinhos do interior do estuário. Ía atrás dos chocos, pois é nessa altura que entram em cardumes, estuário adentro, para se reproduzir. Distraiu-se de tão guloso que é, e não reparou na corrente forte da maré vazante que esvaziou o canal onde se encontrava. Já não havia nada a fazer.

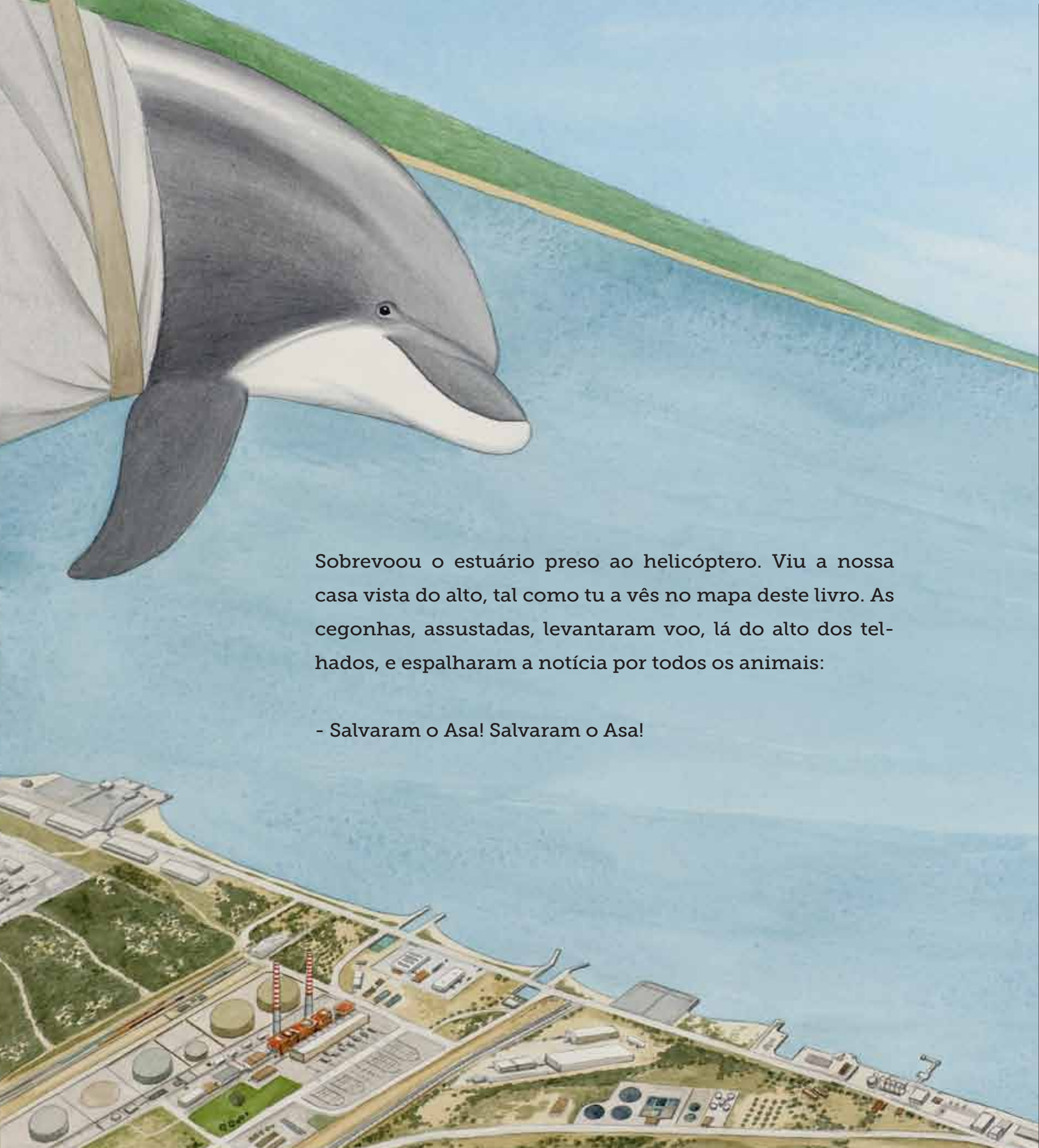
Um pescador encontrou-o e foi pedir ajuda. Trataram logo de molhar, refrescar e proteger a sua pele, com panos húmidos. Depois, tentaram fazer uma piscina para o manter dentro de água. Só que a piscina improvisada no lodo, perdia muita água e o Asa continuava a secar.



É que nós golfinhos, se arrojamos, quer dizer, se damos à costa e ficamos expostos ao sol, aquecemos muito e morremos. Como somos animais de sangue quente como tu, mas vivemos dentro de água, temos uma espessa camada de gordura que envolve o nosso corpo, que é como um edredon de penas que não deixa o nosso calor arrefecer, o que se torna um problema quando estamos fora do nosso meio.

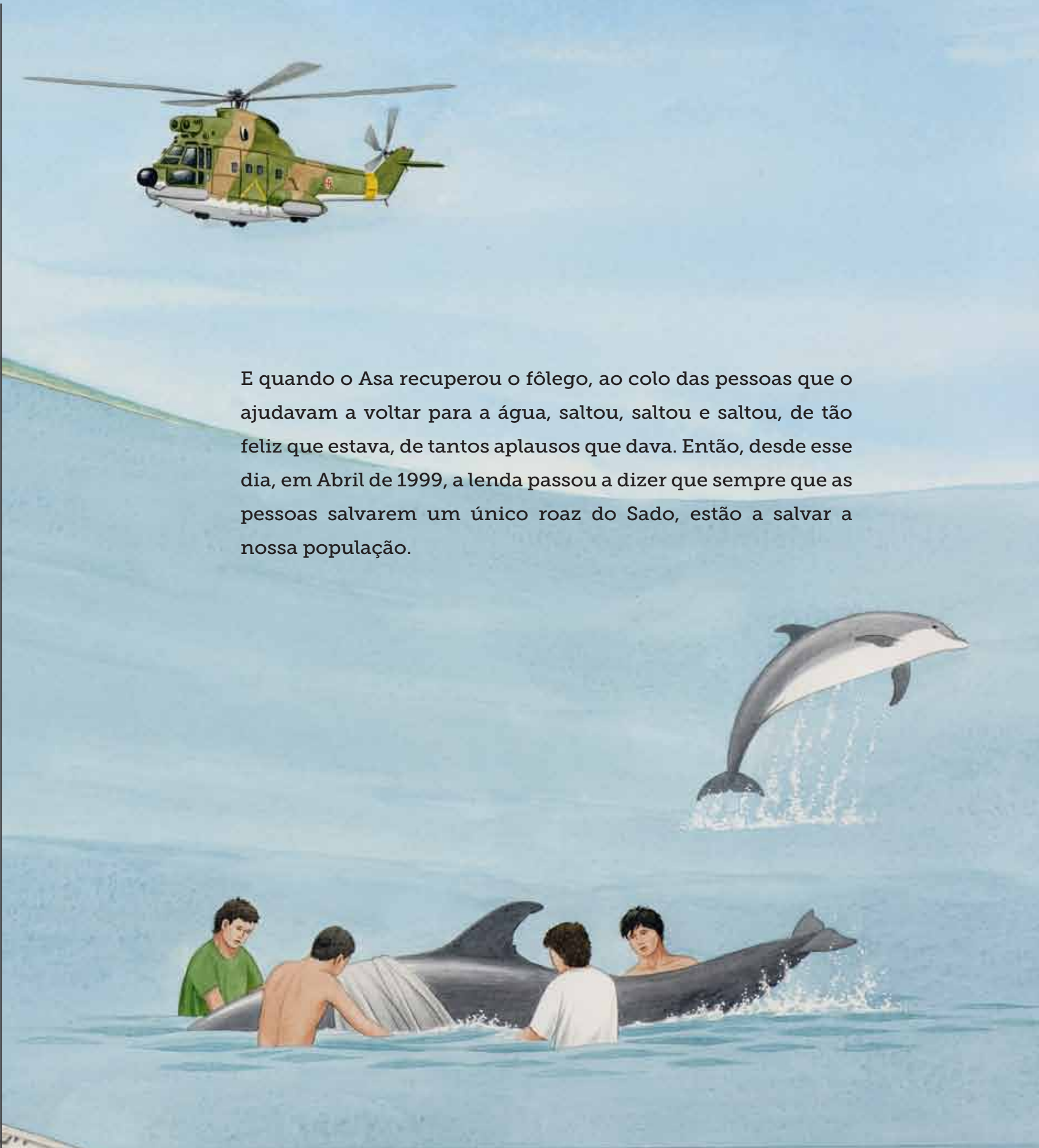
Então decidiram chamar um helicóptero da Força Aérea para o levar para outro lugar do estuário, mais fundo e mais largo. E assim, como rezava a lenda, o Asa voou.





Sobrevoou o estuário preso ao helicóptero. Viu a nossa casa vista do alto, tal como tu a vês no mapa deste livro. As cegonhas, assustadas, levantaram voo, lá do alto dos telhados, e espalharam a notícia por todos os animais:

- Salvaram o Asa! Salvaram o Asa!



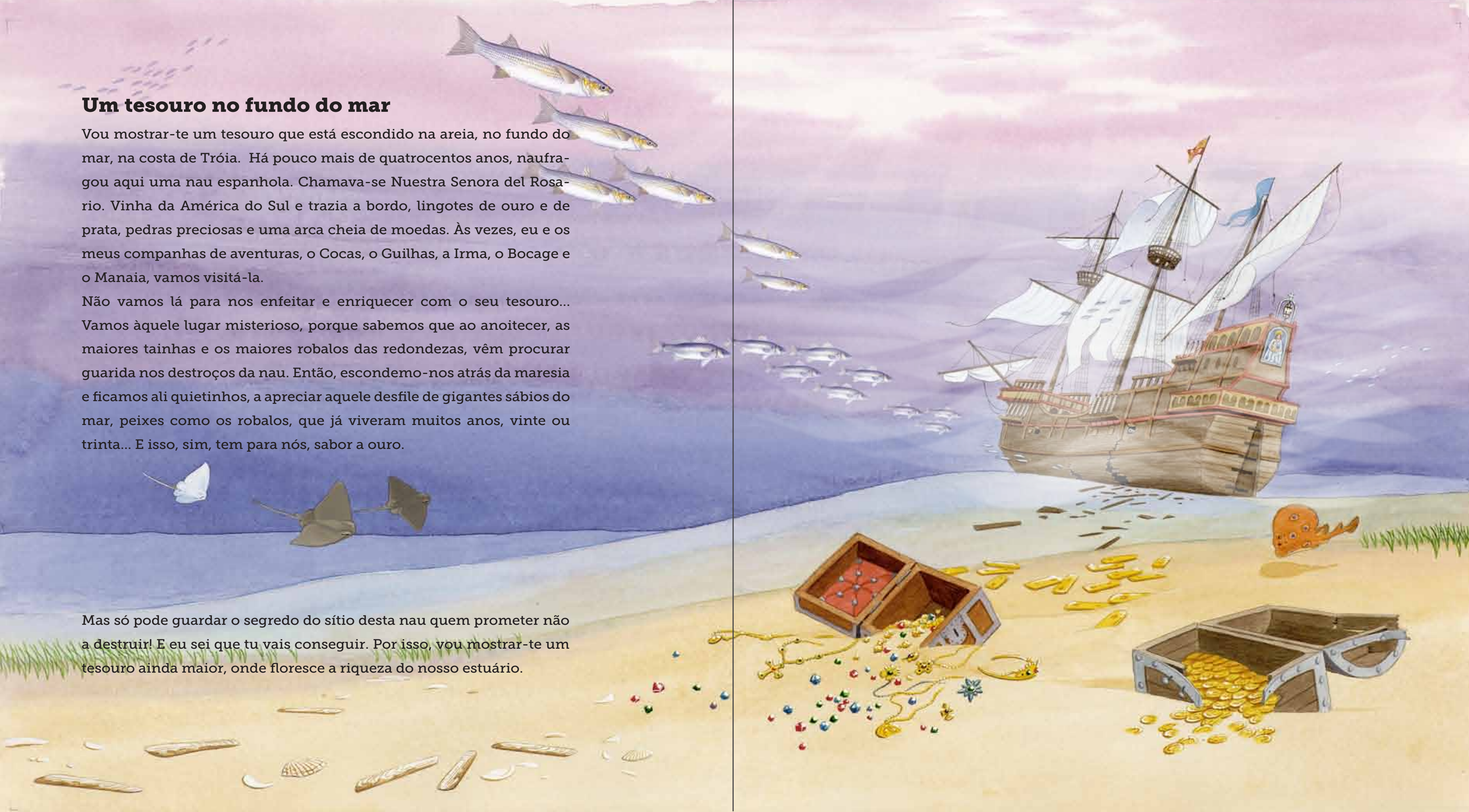
E quando o Asa recuperou o fôlego, ao colo das pessoas que o ajudavam a voltar para a água, saltou, saltou e saltou, de tão feliz que estava, de tantos aplausos que dava. Então, desde esse dia, em Abril de 1999, a lenda passou a dizer que sempre que as pessoas salvarem um único roaz do Sado, estão a salvar a nossa população.

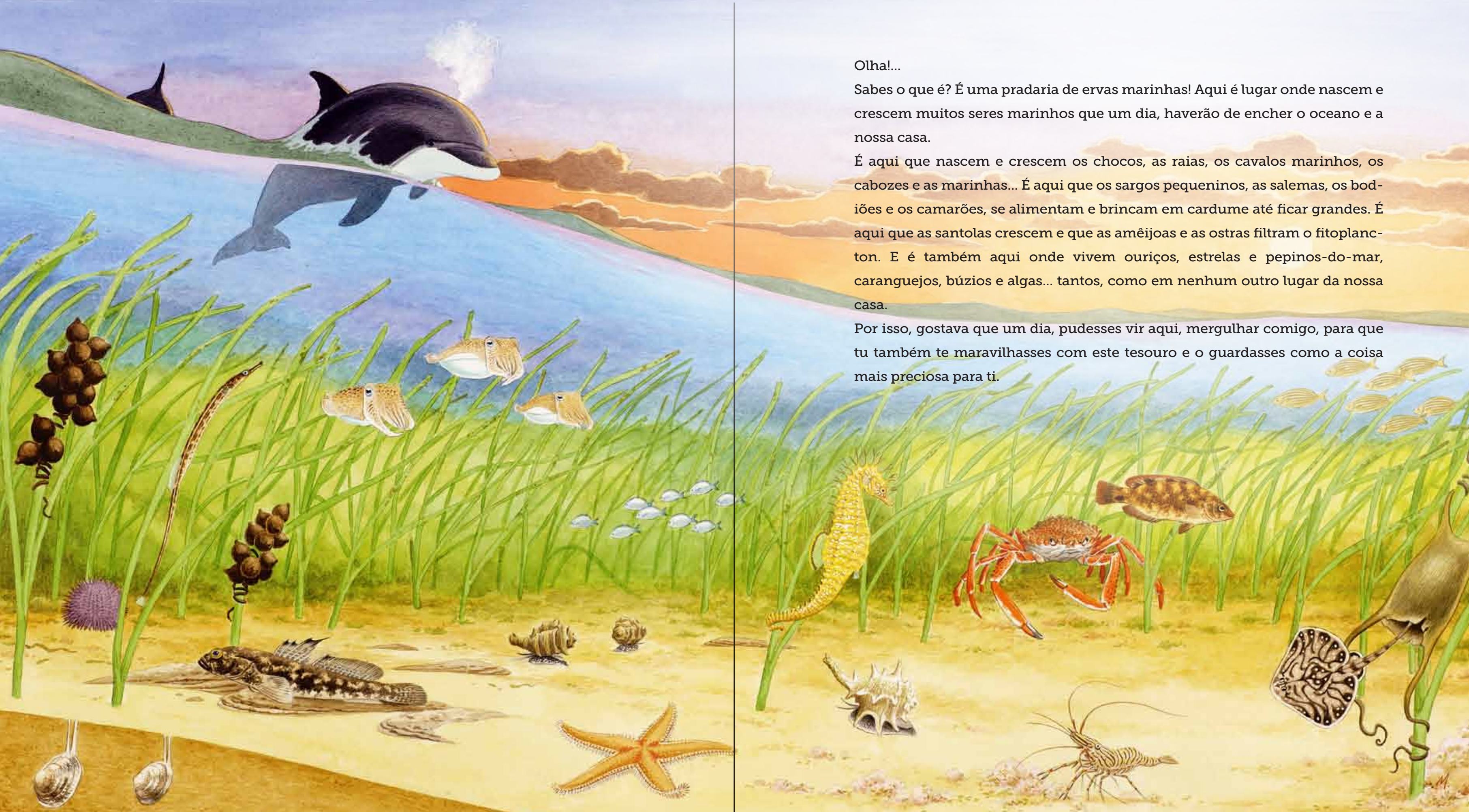
Um tesouro no fundo do mar

Vou mostrar-te um tesouro que está escondido na areia, no fundo do mar, na costa de Tróia. Há pouco mais de quatrocentos anos, naufragou aqui uma nau espanhola. Chamava-se Nuestra Senora del Rosario. Vinha da América do Sul e trazia a bordo, lingotes de ouro e de prata, pedras preciosas e uma arca cheia de moedas. Às vezes, eu e os meus companhas de aventuras, o Cocas, o Guilhas, a Irma, o Bocage e o Manaia, vamos visitá-la.

Não vamos lá para nos enfeitar e enriquecer com o seu tesouro... Vamos àquele lugar misterioso, porque sabemos que ao anoitecer, as maiores tainhas e os maiores robalos das redondezas, vêm procurar guarida nos destroços da nau. Então, escondemo-nos atrás da maresia e ficamos ali quietinhos, a apreciar aquele desfile de gigantes sábios do mar, peixes como os robalos, que já viveram muitos anos, vinte ou trinta... E isso, sim, tem para nós, sabor a ouro.

Mas só pode guardar o segredo do sítio desta nau quem prometer não a destruir! E eu sei que tu vais conseguir. Por isso, vou mostrar-te um tesouro ainda maior, onde floresce a riqueza do nosso estuário.



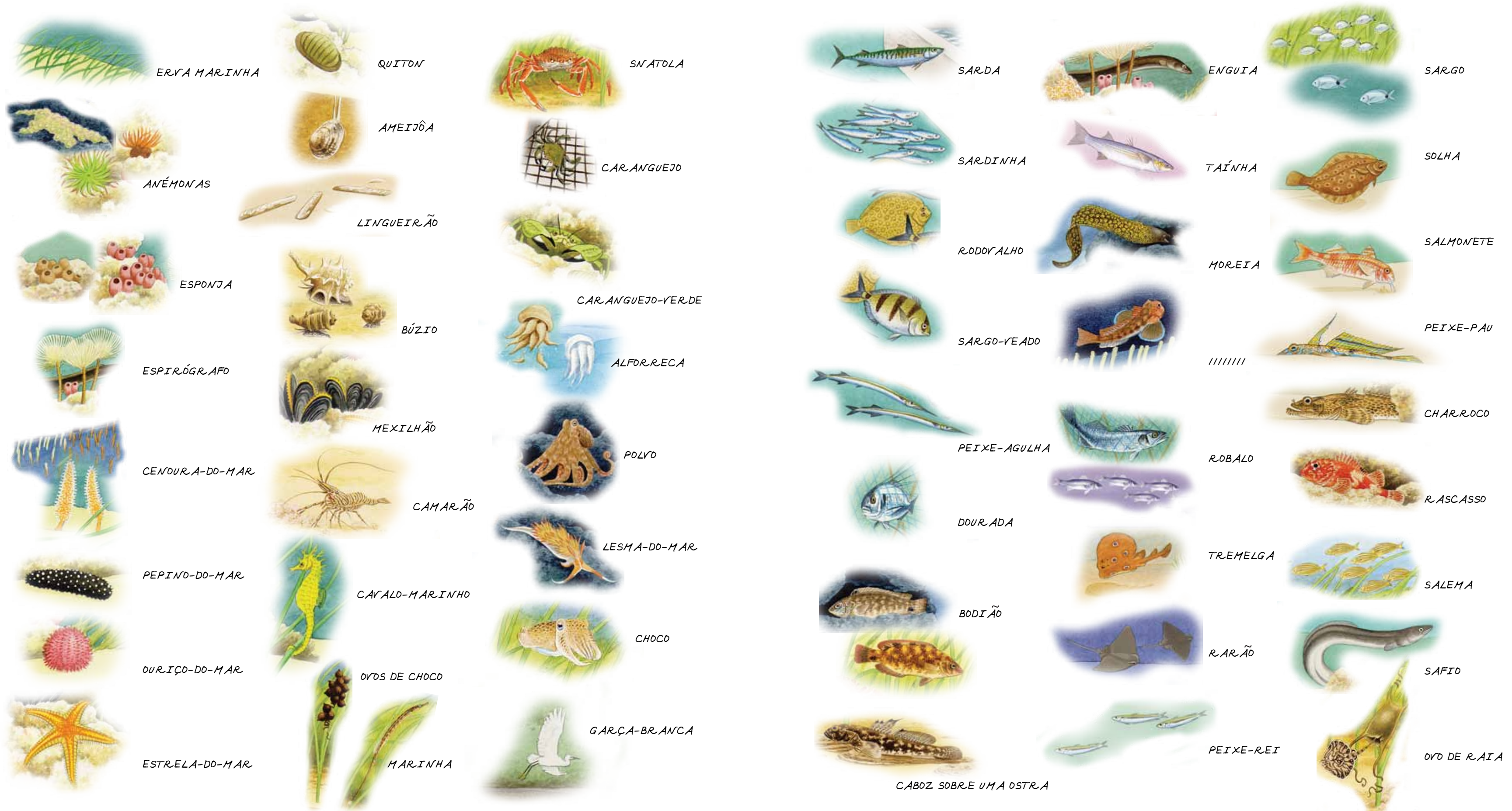


Olha!...

Sabes o que é? É uma pradaria de ervas marinhas! Aqui é lugar onde nascem e crescem muitos seres marinhos que um dia, haverão de encher o oceano e a nossa casa.

É aqui que nascem e crescem os chocos, as raias, os cavalos marinhos, os cabozes e as marinhas... É aqui que os sargos pequeninos, as salemas, os bodiões e os camarões, se alimentam e brincam em cardume até ficar grandes. É aqui que as santolas crescem e que as amêijoas e as ostras filtram o fitoplâncton. E é também aqui onde vivem ouriços, estrelas e pepinos-do-mar, caranguejos, búzios e algas... tantos, como em nenhum outro lugar da nossa casa.

Por isso, gostava que um dia, pudesses vir aqui, mergulhar comigo, para que tu também te maravilhasses com este tesouro e o guardasses como a coisa mais preciosa para ti.



ERVA MARINHA

QUITON

SNATOLA

SARDA

ENGUIA

SARGO

ANÊMONAS

AMEIJOA

CARANGUEJO

SARDINHA

TAÍNHA

SOLHA

LINGUEIRÃO

CARANGUEJO-VERDE

RODOVALHO

MOREIA

SALMONETE

ESPONJA

BÚZIO

ALFORRECA

SARGO-VEADO

IIIIIIII

PEIXE-PAU

ESPIRÓGRAFO

MEXILHÃO

POLVO

PEIXE-AGULHA

ROBALO

CHARROCO

CENDURA-DO-MAR

CAMARÃO

LESMA-DO-MAR

DOURADA

TREMELGA

RASCASSO

PEPINO-DO-MAR

CAVALO-MARINHO

CHOCO

BODIÃO

RARÃO

SALEMA

OURIÇO-DO-MAR

OYOS DE CHOCO

GARÇA-BRANCA

CABOZ SOBRE UMA OSTRÁ

PEIXE-REI

OVO DE RAIÁ

ESTRELA-DO-MAR

MARINHA



FICHA TÉCNICA

Título : Historias dos Roazes do Sado

Copyright: ©Raquel Gaspar, Marcos Oliveira e VAC – Associação Viver a Ciência, 2012

Texto e conceito: Raquel Gaspar (1)

Ilustração: Marcos Oliveira com a participação de Raquel Gaspar

Design: Formas do possível e Raquel Gaspar

Tipografia:

Impressão:

Iª edição: Fevereiro de 2012

ISBN: 978-989-96453-1-8

Editor: VAC – Associação Viver a Ciência, www.viveraciencia.org,
info@viveraciencia.org

Financiamento: Troia Natura no âmbito do Plano de Acção para a Salvaguarda e
Monitorização dos Roazes do Sado

Tiragem: 1500 exemplares

Depósito legal número:

(1) Bolseira de pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BPD/25513/2005)